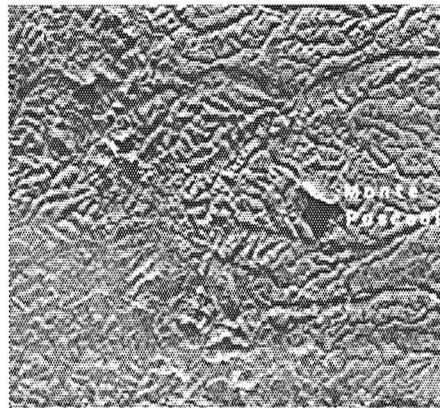




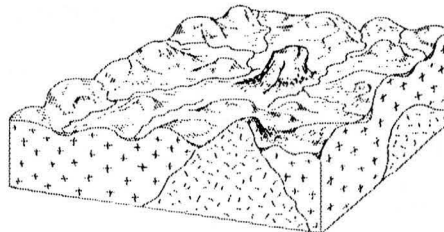
Mapa traz retrato mais preciso do relevo brasileiro

O Brasil dos anos 90 tem 65 unidades de relevo diferentes. Eram 17 no primeiro mapa que o IBGE publicou, em 1968. Mas não foi o relevo brasileiro que mudou. Foi o conhecimento, que permitiu, inclusive, a melhor utilização de tecnologias para caracterizá-lo com mais precisão.

O Projeto Radambrasil cobriu cada metro quadrado do País com o sensor radar aerotransportado e efetuou, entre 1970 e 1985, com base nas imagens obtidas, o mapeamento geomorfológico do Brasil. Após a incorporação do Radambrasil ao IBGE, os 38 mapas que compõem o território brasileiro foram consolidados. Disto resultou a publicação, no final de 1993, do *Mapa de Unidades de Relevo do Brasil*.



Monte Pascoal, que tem sua forma conhecida como pontão ou "pão-de-açúcar", visto em imagem de radar e bloco diagrama.



Entre o primeiro e o segundo mapa houve um intervalo de 25 anos. Embora a ação da natureza na transformação do relevo se faça em grandes períodos geológicos – acima dos 20 mil anos – a ação do Homem pode transformá-lo em tempo muito menor. Exemplo disso são os processos erosivos por que passam o oeste de São Paulo e do Paraná, causados pela utilização agropecuária intensa e descontrolada.

Estes fenômenos puderam ser detectados por interpretação visual dos mosaicos de radar. No entanto, o desenvolvimento de novos sensores e técnicas de interpretação dessas imagens permitirão captar e mapear, com mais precisão ainda, as alterações ambientais que estão ocorrendo na superfície da Terra. O trabalho continua. (Página 3)

Resultados da produção nacional e regional da indústria

..... pág. 2

Índices de preços e comportamento da agroindústria

..... pág. 3

Indicadores conjunturais mais recentes

..... pág. 4

Comércio reduz faturamento, emprego e salário

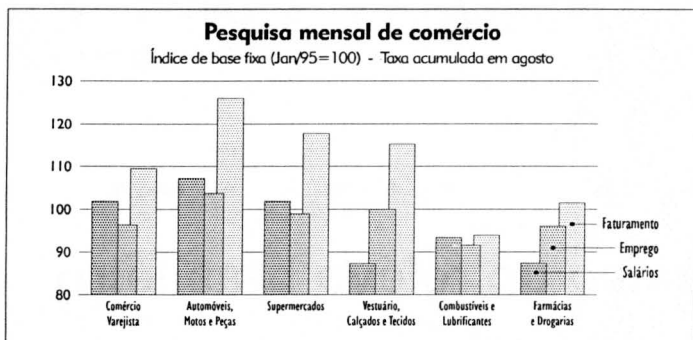
O comércio varejista do Grande Rio diminuiu o faturamento real em 1,3%, de julho para agosto: a terceira queda consecutiva no ano. E a quarta para emprego, com redução de 0,8%. Mas o que mais caiu foi a massa salarial (-1,6%), dando prosseguimento à trajetória declinante iniciada em junho. Das dez atividades pesquisadas, sete apresentaram redução no faturamento, seis nos salários e cinco no emprego.

Pelo índice de base fixa, o setor de automóveis, registrou acumulados

negativos em fevereiro e junho para os três indicadores. O pico do acumulado no ano para faturamento real foi em março (31%) e, em agosto, para emprego (3,8%) e salários (26%).

Com a divulgação da *Pesquisa Mensal de Comércio* de agosto, saíram, também, os resultados de emprego e salário de janeiro a julho. Os de faturamento real, anunciados na *Carta IBGE* nº 8, complementam os dados desta pesquisa para o período. (Página 2)

De janeiro a agosto, comércio só contratou mais do que demitiu em abril



A única taxa positiva para o emprego no comércio varejista da região metropolitana do Rio de Janeiro ocorreu de março para abril e é pouco expressiva: 0,2%. Pelo índice de base fixa, ao longo desses oito meses, o setor de automóveis, motos e peças e acessórios foi o único que contratou mais do que demitiu: 3,8% (contra -3,6% da média). O de combustíveis e lubrificantes manteve o emprego estável, enquanto nos outros oito as dispensas superaram as admissões.

De um mês para o outro, a maior redução de pessoal aconteceu em maio, no setor de vestuário, calçados e tecidos: -6,2%. Mas as contratações para o comércio de material de construção (4,7%) seguraram a queda da taxa global naquele mês: -0,4%. Desde então, os resultados têm sido negativos.

A PMC leva em conta o total de empregados, no último dia do mês de referência da pesquisa, remunerados diretamente pela empresa, com ou sem carteira assinada.

Salários de comerciários sobem 9,5%, nestes oito meses

Esta expansão da massa real de salários foi mais influenciada por quatro setores. Para o de automóveis, motos e peças – o único a apresentar crescimento efetivo do emprego – o salário subiu 26%, em termos reais. Próximo dos 22,5% registrados para os que trabalham em material de construção, setor sensível ao aumento do salário-mínimo. Assim como supermercados e hipermercados, cujos empregados receberam mais 17,8%. E, finalmente, o dissídio dos frentistas, em março, puxou o resultado de combustíveis e lubrificantes para 15,3%.

Os salários diminuíram no setor de móveis e eletrodomésticos (-8,8%), devido ao efeito base, pois janeiro concentra pagamentos de férias, comissões ... E, com a forte queda do emprego, também em vestuário, calçados e tecidos (-6,2%).

Para o indicador salários e outras remunerações, a PMC considera salários, ordenados, vantagens adicionais, gratificações, participações, comissões, abonos, aviso-prévio trabalhado, indenizações, prêmio por hora extra ou por serviços noturnos ...

Bens de capital recua ao nível do final de 1993

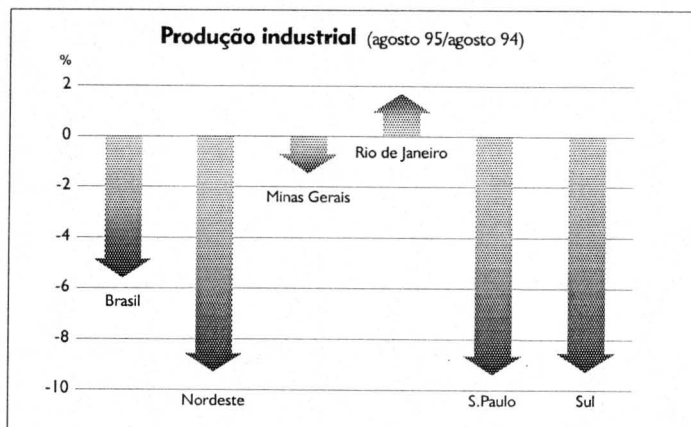
De julho para agosto, a retração em bens de capital chegou aos 13,8%, em consequência do desempenho desfavorável da produção de equipamentos para agricultura, cuja queda no confronto com agosto do ano passado atingiu 72%.

Sempre no mesmo período, o patamar de produção de bens intermediários (-3,1%) é o mais baixo em dois anos. Basicamente devido a segmentos mais vulneráveis à competição externa, como a indústria têxtil (-14,5%).

Esta competição e a escassez de crédito afetaram, também, a indústria de vestuário, calçados e artefatos de tecidos, que entre dezembro e agosto recuou 29,1%. Ao desaquecimento do consumo pode ser creditada a taxa negativa para farmacêutica (-4,9%). Os dois levaram os semiduráveis e não-duráveis a fecharem com crescimento de apenas 0,4%.

Quem mais cresceu foi bens duráveis (12,1%) com a recuperação da produção de automóveis, depois das férias coletivas, e a de eletrodomésticos continuando a subir.

Indústria fluminense aumenta produção



A atividade fabril do Estado do Rio de Janeiro se expandiu 1,7%, em agosto, na comparação com o mesmo mês do ano passado. Foi o único aumento de produção, em situação de queda generalizada: de -0,2%, em Santa Catarina, a -18,3%, em Pernambuco, e média nacional de -5,6%.

Este resultado, embora menor do que o de julho 95/

julho 94 (3,9%), dá continuidade ao bom desempenho da indústria fluminense, iniciado neste segundo semestre, quando reverteu um quadro desfavorável. Nos primeiros seis meses do ano, o Rio de Janeiro ficou também com taxa positiva (2,2%), mas bem abaixo dos 9,5% de aumento da produção industrial brasileira, no período.

Agroindústria cresce 1,9% no primeiro semestre

A produção industrial derivada da agricultura se expandiu 1,6%, com forte influência de produtos feitos a partir do trigo, algodão, milho, soja e arroz. Em contrapartida, houve quedas importantes, principalmente, no processamento de suco de laranja e em derivados da cana-de-açúcar.

Já os produtos industriais utilizados pela agricultura obtiveram taxa negativa (-3,2%), com -14% para adubos e fertilizantes e 5,9% para máquinas e equipamentos, que cresceram 44% no primeiro trimestre. Isto evidencia a diminuição de investimentos na lavoura, reflexo da queda significativa da renda do produtor rural. Situação oposta à da

safrã passada. Com isso, a expansão para a agroindústria vinculada à agricultura no primeiro semestre deste ano não passou de 0,6%.

Quanto à produção industrial derivada da pecuária aumentou 4,2%, com destaque para as carnes de suínos e de aves; e a de produtos industriais utilizados pela pecuária, 14,5%. Esta, incluindo os 33,5% de produtos veterinários dosados. A agroindústria ligada à pecuária ficou em 6,3%.

A menor produção de adubos e fertilizantes e de inseticidas, fungicidas e herbicidas para uso na agricultura e pecuária (-1,9%) sugere redução da área de plantio e menos investimento nas culturas e criações para a próxima safra.

Inflação é mais alta em Belém e bem menor em Recife

O INPC – que leva em conta famílias com rendimento de um a oito salários mínimos – fechou setembro em 1,17%, com taxas que variaram de 0,26%, em Recife, a 2,3%, em Belém. Também no IPCA – renda de um a quarenta salários – que ficou em 0,99%, o índice mais baixo foi para Recife (0,40%) e o mais alto para Belém (1,89%).

Alimentação e Bebidas em Recife registrou o menor de todos os resultados. Em um mês, os preços caíram 1,27% no INPC e 1,21% no IPCA. Ao contrário de Transporte e Comunicação em Belém, com alta de 18,56% no INPC e de 8,10% no IPCA.

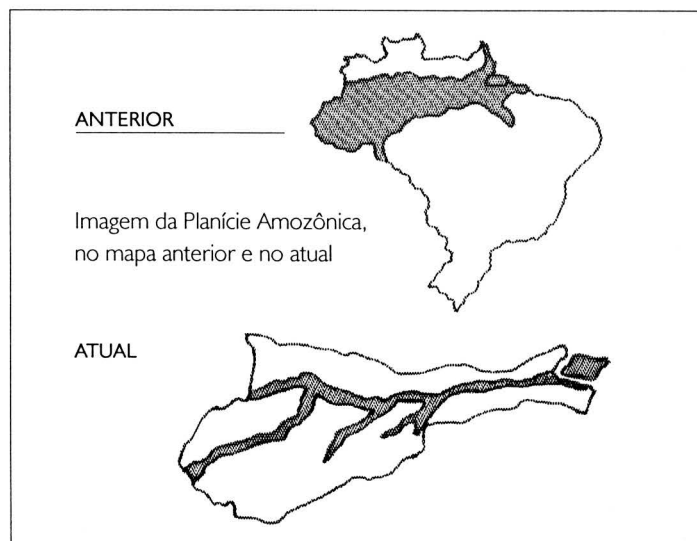
Em termos gerais, continuou forte a pressão dos aluguéis residenciais sobre o grupo Habitação, o de taxa mais elevada tanto no INPC (4,62%) quanto no IPCA (4,51%). As mais baixas ficaram com Artigos de Residência: -0,18% no INPC e -0,22% no IPCA.

INPC e IPCA nas regiões pesquisadas

%	RJ	POA	BH	REC	SP	DF	BEL	FOR	SAL	CUR	GOI
INPC	1,19	0,79	1,74	0,26	1,18	0,99	2,30	0,97	0,56	1,73	1,20
IPCA	1,19	0,60	1,36	0,40	0,90	0,99	1,89	0,90	0,71	1,26	0,92

Nota: A coleta dos índices de preços de setembro foi feita de 30/8 a 29/9

Planície Amazônica ocupa apenas 5% do espaço mostrado em mapas antigos



ANTERIOR

Imagem da Planície Amozônica,
no mapa anterior e no atual

ATUAL

Os livros escolares que não incluem as informações do novo *Mapa de Unidades de Relevo do Brasil*, assinado pelo IBGE, ainda consideram a Planície Amazônica 95% maior do que na verdade ela é. Isto significa dizer que se restringe praticamente às calhas dos grandes rios da região. O restante é depressão. Outro exemplo de alterações importantes que, agora, estão no mapa: o Planalto Central e o Planalto das Guianas são bastante fragmentados e têm diversas elevações dispersas. Portanto, não são blocos homogêneos, como se pensava.

Depressões predominam

Trata-se de superfícies planas de pouca altitude, normalmente distribuídas entre os planaltos. Não eram consideradas, e predominam em nosso território. As expedições anteriores tinham visão apenas de quem caminha pelo terreno. Foram descobertas nas imagens de radar, que tornou possível interpretar cada pedaço do território, de outro ponto-de-vista.

Tecnologias mais avançadas permitiram a classificação de novas unidades de relevo, considerando altitude, forma e origem. Em termos de altitude e forma, são identificados planícies, depressões, tabuleiros, cristas e colinas, patamares, chapadas, planaltos, planaltos e serras, serras, escarpas e reversos. A origem leva em conta a estrutura e idade geológicas, que permitem classificar as unidades de relevo geradas a partir dos embasamentos. Trata-se das rochas mais antigas da superfície terrestre, como é o caso do Planalto de Poços de Caldas e do Planalto Sul-Riograndense. Em situação intermediária estão as faixas de dobramentos, das quais são exemplos a Serra do Mar, a Serra da Mantiqueira e a Serra do Espinhaço. Esta classificação vai até as bacias sedimentares mais recentes como a Amazônica e a do Paraná.

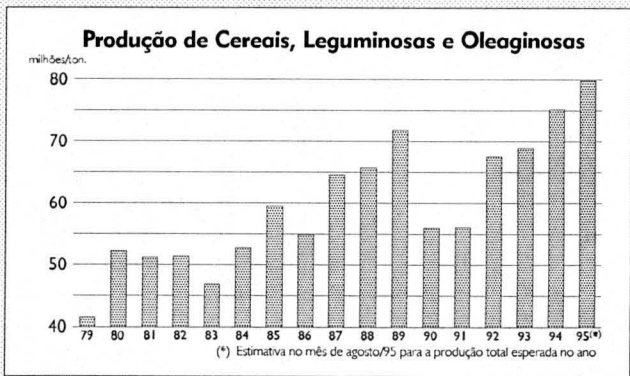
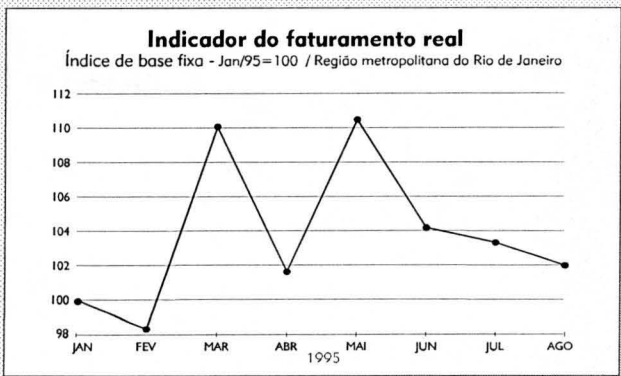
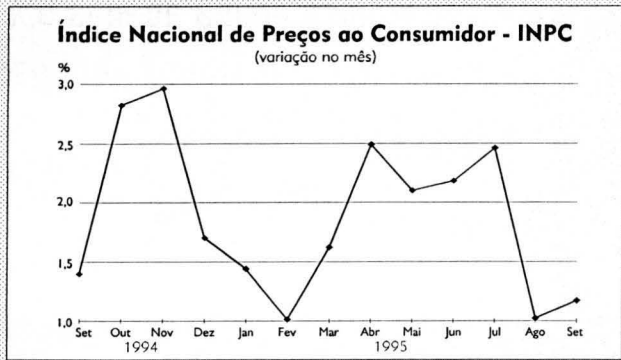
Para saber como se faz mapa de relevo

A metodologia do mapeamento geomorfológico está

consolidado no *Manual Técnico de Geomorfologia*. As formas de relevo, representadas por símbolos, são conceituadas e ilustradas por blocos diagramas e imagens de radar. Facilita uma leitura mais minu-

ciosa do mapa e está à disposição nas bibliotecas e livrarias do IBGE de todo o País. O *Mapa de Unidades de Relevo do Brasil* (1:5.000.000) traz mais novidades. Tem embalagem com tratamento

visual e será vendido, também, em banca de jornal. Assim como o *Mapa Político do Brasil 1995* (1:5.000.000), que traz sinopse da evolução política-administrativa do País.



INDICADORES CONJUNTURAIS

□ PRODUTO INTERNO BRUTO (índices trimestrais)

- Total (1980=100)
- Agropecuária (1980=100)
- Indústria (1980=100)
- Serviços (1980=100)

□ PRODUÇÃO AGRÍCOLA (milhões de toneladas)

- Total de cereais, leguminosas e oleaginosas (3)

□ PRODUÇÃO INDUSTRIAL (índices mensais)

- Total (média de 1991=100)
- Bens de capital (média de 1991=100)
- Bens intermediários (média de 1991=100)
- Bens de consumo duráveis (média de 1991=100)
- Bens de consumo não-duráveis (média de 1991=100)

□ COMÉRCIO VAREJISTA (índices mensais) (5)

- Faturamento (jan/95=100) (6)
- Emprego Assalariado (jan/95=100)
- Salários e outras Remunerações (jan/95=100) (6)

□ MERCADO DE TRABALHO

- Taxa média de desemprego aberto (%) (7)
- Rendimento médio real (índice mensal, jul/94=100) (8)
 - Empregados com carteira assinada
 - Empregados sem carteira assinada
 - Conta-própria
- Emprego industrial (índice mensal, 1985=100) (9)
- Salário médio real na indústria (índice mensal, 1985=100) (10)

□ PREÇOS

- Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC (dez/93=100)
- Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (dez/93=100)
- Índice Nacional de Preços ao Consum. Amplo Especial - IPCA-E (dez/93=100)
- Custo médio da construção civil (R\$ / m2)

PERÍODO DE REFERÊNCIA	NÍVEL	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO PERÍODO ANTERIOR	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR
1995/ II	133,15 (1)	-3,90 (1)	7,97 (2)
1995/ II	155,55 (1)	-1,61 (1)	5,92 (2)
1995/ II	112,48 (1)	-7,51 (1)	9,33 (2)
1995/ II	150,73 (1)	-1,24 (1)	7,53 (2)
.....			
Agosto (*)	79,872	-	6,25 (4)
.....			
Agosto (*)	117,68	-2,72 (1)	-5,64
Agosto (*)	116,48	-13,83 (1)	-14,32
Agosto (*)	111,60	-3,09 (1)	-14,32
Agosto (*)	163,18	12,11 (1)	12,32
Agosto (*)	119,72	0,35 (1)	-2,74
.....			
Agosto (*)	101,98	-1,30	-
Agosto (*)	96,39	-0,78	-
Agosto (*)	109,51	-1,61	-
.....			
Agosto	4,9	1,4	-10,8
Julho	117,67	-0,4	17,7
Julho	109,57	-0,1	9,7
Julho	129,45	4,3	29,5
Julho	127,68	-3,1	27,8
Julho	81,39	-1,96	-0,51
Julho	115,06	-0,96	9,61
.....			
Setembro (*)	1200,04	1,17	25,52
Setembro (*)	1190,58	0,99	25,69
Jul/Ago/Set	-	5,13 (11)	-
Setembro	308,23	0,31	23,96

NOTAS: (1) Série com ajuste sazonal. (2) Taxa acumulada no ano. (3) Estimativa no mês de referência para a produção total esperada no ano em curso (caroço de algodão, soja, milho, trigo, arroz, feijão, amendoim, mamona, aveia, centeio, cevada e sorgo). (4) Variação em relação à produção obtida no ano anterior. (5) Resultados da pesquisa mensal de comércio para a região metropolitana do Rio de Janeiro. (6) Deflacionado pelo IPCA da região metropolitana do Rio de Janeiro. (7) Taxa média de desemprego aberto (semana), abrangendo regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. (8) Rendimento do trabalho principal das pessoas ocupadas, deflacionado pelo INPC. (9) Pessoal ocupado na produção. (10) Deflacionado pelo INPC. (11) Variação acumulada no período de referência. O IPCA-E é divulgado ao final de cada trimestre. (*) Novo nesta quinzena.